

“SAÍ DAÍ, SUA DRAG VELHA!”: A UTILIZAÇÃO DA VELHICE COMO FORMA DE OPRESSÃO NAS REDES SOCIAIS

“GET OUT, YOU OLD DRAG!”: THE USE OF OLD AGE AS A FORM OF OPPRESSION ON SOCIAL MEDIA

Recebido em: 02/05/2023

Reenviado em: 03/10/2023

Aceito em: 15/10/2023

Will Paranhos¹ 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aline Debize De Fraga² 

Universidade Federal de Santa Catarina

Edis Mafra Lapolli³ 

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Com base na discussão ocorrida entre as artistas drags RuPaul Charles e Pablllo Vittar na rede social Twitter, o presente artigo objetiva analisar a utilização da velhice como forma de opressão. O estudo netnográfico constitui-se de uma amostragem composta de 70 tweets coletados em 2022. Os resultados indicam a escassez de estudos em torno do fenômeno da velhice relacionados ao ofício da arte drag. Constituíram-se seis categorias de análise, afirmando que pessoas velhas: devem ser maduras; são antigas; são invejosas; são amargas; têm redução da capacidade mental e ; são recalcadas. A velhice é utilizada como forma de opressão e define uma incapacidade estética/produtiva no instante em que delibera-se, socialmente, que tudo o que é velho torna-se inútil. Os achados indicam a necessidade de mudança na postura do campo dos estudos da velhice que, em sua grande maioria, considera-a como uma etapa universal.

Palavras-chave: Velhice; com cor; Arte *Drag*; Redes sociais.

Abstract: Based on the discussion that took place between drag artists RuPaul Charles and Pablllo Vittar on the social network Twitter, this article aims to analyze the use of old age as a form of oppression. The netnographic study consists of a sample composed of 70 tweets collected in 2022. The results indicate the scarcity of studies around the phenomenon of old age related to the craft of drag art. Six categories of analysis were constituted, stating that old people: must be mature, are old, are envious, are bitter, have reduced mental capacity, are repressed. Old age is used as a form of oppression and defines an aesthetic/productive disability at the moment when it is socially decided that everything old becomes useless. The findings indicate the need for a change in the attitude of the field of aging studies, which, for the most part, considers it as a universal stage.

Keyword: Old age; Oppression; Drag Art; Social Networks; Cancellation.

¹ William Roslindo Paranhos. Alune do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Doutorado. Mestra em Engenharia e Gestão do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: williamroslindoparanhos@gmail.com

² Mestra em Engenharia e Gestão do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: debizealine@gmail.com

³ Docente no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) E-mail: edispandion@gmail.com

INTRODUÇÃO

No instante em que nos dispomos ao exercício do “pensar com” acerca daquilo que poderíamos chamar de “constituição humana”, tão logo perceberemos que alguns aspectos estão bastante presentes nesse processo. Primeiramente, devemos considerar, amparados na perspectiva pós-estruturalista (PE) de que tudo parte de uma construção social, posteriormente solidificada e tornada em convenção, que a linguagem atua como alicerce no processo de constituição, não fornecendo, tão somente, parâmetros identificáveis e discerníveis. O PE vai além, quando age “pela afirmação de um poder produtivo inexaurível dos limites. Ele é subversão - que resulta positiva - das posições estabelecidas” (WILLIAMS, 2013, p. 17). Em segundo lugar, e diretamente ligada às construções, surgem nossas sustentações em binarismos estruturais, em relações etnocentristas, em uma tendência à normalização, todos atravessados pelo patriarcalismo (LAPOLLI; PARANHOS; WILLERDING, 2022). Diante deste contexto brevemente construído, teremos as bases necessárias para que se fundamentem os locais de poder.

Sinteticamente, locais de poder são todos aqueles que irão se estabelecer onde haja a existência de certo tipo de liberdade - em havendo uma dominação totalitária, o poder assume uma nova posição, não havendo mais uma relação infinita e ilimitada de dominação e sujeição (FOUCAULT, 2010) -, onde haja a “[produção de] coisas, [indução] ao prazer, [formação de] saber, [produção do] discurso; [...] [considerando-o como] uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social” (FOUCAULT, 2010, p. 8). Importante salientar que são nesses espaços que irão formar-se os ditos grupos hegemônicos.

A hegemonia social estabelecida - atualmente reconhecida como média/alta-branca-cisheteronormativa-corporal/funcional/cognitiva - irá operar pela guarda e estabelecimento da ordem social, agindo adversamente a tudo e todos que entram em rota de colisão com a manutenção da vida - biopoder (DINIZ; OLIVEIRA, 2013) - e, conseqüentemente, excluirá todas as pessoas que forem dissidentes ao perfil estabelecido como norma, normal, natural. Neste exercício relacional é que surgirão os grupos minorizados, as ditas minorias.

Ocorre que, antes mesmo de nos considerarmos enquanto integrantes de uma, outra ou várias minorias, a partir da identificação, somos todos formados com base nos mesmos princípios históricos, culturais e sociais que influenciaram - e ainda influenciam - diretamente os processos de sujeição. Por conta disso percebe-se - mesmo entre e dentro desses grupos - o

exercício da opressão, concretizando-se em inúmeras formas de preconceito, o que , atualmente, nomeamos por “cancelamento” (LAPOLLI; PARANHOS; WILLERDING, 2022).

O quadro em questão nos demonstra que, mesmo se tratando de seres engendrados nas atividades maquínicas hegemônicas que vivenciam formas diversas de sofrimento, haja vista o disciplinamento, a regulação e a coerção -, estes locais de poder, de alguma forma, já se estabeleceram em nossa constituição subjetiva e são, em inúmeras situações, utilizados como formas de ataque entre os pares minorizados. Exemplo disso são homens cis *gays* que se autodeclararam ativos - enquanto performance sexual - e que oprimem e menosprezam passivos; pessoas trans que vangloriam a passabilidade em detrimento de pessoas trans não binárias; pessoas com deficiência severa que depreciam o sofrimento de outras pessoas com deficiência leve; pessoas negras ricas que discriminam pessoas brancas pobres; mulheres lésbicas que agem de maneira racista para com homens negros ou efeminados, entre outras possibilidades de tensionamentos.

Outra maneira possível de cancelamento se dá com o ‘uso’ da velhice como forma de discriminação por parte de pessoas pertencentes a grupos LGBTIAP+ e *queer*⁴ (MELO; TAVARES, 2019). A constatação parte, também, da vivência pessoal da primeira pessoa autora, que identifica-se enquanto integrante da comunidade, e que sempre observou tais práticas - o que será melhor explicitado mais adiante. Para fins deste artigo, sustentando a afirmativa anterior, nos centraremos na situação ocorrida entre duas personagens bastante famosas do cenário LGBTIAP+ e *queer*: as *drags*⁵ Pablló Vittar e RuPaul Charles.

Primeira *drag* na história a se apresentar no Festival de Música e Artes Coachella Valley⁶, maior festival de música pop do mundo⁷, Pablló Vittar - homem *gay*, cantora e *drag queen*⁸ -; mais uma vez, atraiu os holofotes para si. Diante disso, fãs da artista clamaram à RuPaul Charles - homem *gay*, ator, modelo, escritor, cantor, apresentador e *drag queen*⁹ -,

⁴ O *queer* aqui é inserido como uma questão de resistência. Contudo, tomando-se o cuidado para que não se transforme o *queer* em mais uma identidade, quando na realidade seu intuito é o de reforçar a subversão, tensionando a lógica cisheteronormativa por meio de sua experiência, optou-se por não incluí-lo à sigla, conforme Paranhos (2022).

⁵ Transformista ou Drag Queen/ Drag King: Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual (Jesus, 2012, p.10).

⁶ História do Festival de Música e Artes Coachella Valley. Recuperado de <https://pt.yourtripagent.com/4530-brief-history-of-coachella-valley-music-and-arts-festival>.

⁷ Recuperado de <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/04/17/pablló-vittar-faz-historia-no-coachella-como-primeira-drag-queen-a-se-apresentar-em-festival.ghtml>.

⁸ Biografia de Pablló Vittar. Recuperado de https://www.ebiografia.com/pablló_vittar/.

⁹ Biografia de RuPaul Charles. Recuperado de <http://www.emneon.com.br/2014/03/rupaul-pequena-biografia-de-uma-grande.html>.

considerada como a maior *drag queen* da história, que parabenizasse a cantora brasileira por seu feito¹⁰, principiando uma história de vários ataques. A idade de Mamma Ru, como RuPaul também é conhecida, vinculada à atividade estética e cultural da performance *drag*, foi utilizada como um dispositivo de opressão e cancelamento por uma parcela considerável de pessoas do grupo LGBTIAP+ e *queer*, bem como por outras fãs da arte *drag*, servindo como ponto de partida para a análise dos fenômenos apresentados nesta introdução.

Diante dos vários fenômenos percebidos em nossas relações, na mídia, no ambiente virtual e com base no cenário apresentado é que nos propomos a analisar a utilização da velhice como delimitadora de uma capacidade estética/produzida, no intuito de responder a seguinte questão: de que maneiras a velhice pode ser utilizada como mecanismo de opressão e definidora de uma incapacidade estética/produzida?

Para tanto, definiu-se a netnografia como sendo a abordagem mais adequada para a realização desta pesquisa, uma vez que nos centraremos na coleta e análise de conteúdos extraídos de contas brasileiras da rede social *Twitter*¹¹ relacionados às artistas e *drag queens* Pablo Vittar e RuPaul Charles, entre os dias 17 e 21 de abril de 2022. Como estratégia de busca, utilizou-se a sentença “treta¹² RuPaul Pablo” para pesquisar postagens e comentários relacionados ao fato ocorrido, considerando o fato de ser o termo “treta” bastante utilizado na linguagem de redes sociais para referir-se à brigas e discussões, possibilitando um maior alcance de conteúdos.

¹⁰ Recuperado de <https://www.metropoles.com/entretenimento/rupaul-bloqueia-fas-de-pablo-vittar-no-twitter-apos-show-no-coachella>.

¹¹ O Twitter é uma rede social que simula um blog pessoal. A plataforma oferece um espaço de 280 caracteres para você mandar mensagens sobre “O que está acontecendo?” para todos os seus seguidores. No Twitter, essas mensagens são chamadas de “Tweet”. Basta você escrever o seu texto e clicar no botão “Tweet” para a sua mensagem ser espalhada pela rede social e começar a impactar as pessoas. As notícias que correm no Twitter são dinâmicas e rápidas. Por ter um espaço curto para escrever — na “era glacial” do Twitter eram apenas 140 caracteres — as pessoas acabam sendo mais objetivas e indo direto ao ponto. Por conta desse dinamismo, o Twitter passou por diversas atualizações, inovando a maneira de se comunicar ao longo dos anos. Além disso, por ter tantas informações, ele consegue pautar os jornais e lançar notícias em primeira mão, como foi no caso da Michael Jackson que teve a morte anunciada 45 minutos antes no Twitter do que nos jornais. (MLABS, 2021, s. p.). Recuperado de <https://www.mlabs.com.br/blog/twitter>.

¹² Treta significa ardil, estratégia, subterfúgio, invencionice. É um substantivo feminino que é pronunciado com o “e” fechado, ou seja, se pronuncia “trêta”. Treta é um ato repleto de sutileza, de astúcia, calculado e elaborado para enganar o outro, para ludibriar. Treta é o uso de um estratégia, de um ato mentiroso, é uma invenção, uma enrolação, com o intuito de obter benefícios, de sair no lucro. Treta é ainda o termo usado para nominar a destreza, a sagacidade de um lutador e a agilidade que muitos contendores de esgrima executam ou planejam para desarmar ou ferir o adversário. A expressão “está rolando muita treta” quer dizer que está rolando muita enganação, muita trapaça. *Mutreta* é uma gíria, derivada da palavra treta, que tem o mesmo significado, ou seja: trapaça, logro, enganação com astúcia (Treta, 2022, s. p.). Recuperado de <https://www.significados.com.br/treta/>.

VELHICE COMO MECANISMO DE OPRESSÃO

Envelhecer é um processo que envolve mudanças em diferentes dimensões humanas. Ao mesmo tempo que está associado a perdas das capacidades físicas, mentais e produtivas, também implica em adaptações psicossociais que, de alguma forma, compensam as perdas biológicas inerentes ao envelhecimento (WHO, 2015). De acordo com Torres, Camargo, Bousfield e Silva (2015), existe o consenso de que o envelhecimento é um processo, enquanto que a velhice é uma etapa desse processo do desenvolvimento humano.

Em princípio, a velhice foi abordada nas ciências principalmente por uma perspectiva de declínio, desde sua compreensão enquanto doença, passando pelo entendimento da velhice como uma fase natural, até a percepção do envelhecimento como um processo que envolve aspectos internos, individuais, externos e sociais (TAVARES, 2021). No entanto, embora seja universal, o envelhecimento não é uniforme e afeta as pessoas de maneiras distintas (WHO, 2021).

A representação social da velhice na sociedade indica diferenças e proximidades de significados entre diferentes grupos etários. As concepções e imagens sobre envelhecimento, velhice e idoso, demonstram a forma negativa como essa etapa da vida é representada entre pessoas de diferentes idades e reflete os estereótipos associados às pessoas mais velhas (SANTOS; TURA; ARRUDA, 2011; TORRES *et al.*, 2015).

Conforme Pereira, Freitas e Ferreira (2014), as representações associadas à velhice podem ser positivas ou negativas. As positivas estão ligadas a resiliência, ao acúmulo de experiências e boas recordações, à calma e à paciência. Já as representações negativas se relacionam com a fragilidade, debilidade física, doenças, falta de disposição, finitude e dificuldade em tomar decisões. Possivelmente, essas percepções são influenciadas pelas ideias negativas acerca do envelhecimento a que somos expostos desde criança, associando essa fase da vida à perdas e à morte.

Não obstante, a reprodução de piadas, nas quais pessoas idosas são retratadas como teimosas, incapazes e difíceis, são bastante comuns, perpetuando esse tipo de preconceito que é normalizado na sociedade. O campo da linguagem cede espaço às expressões que refletem o preconceito de idade, as quais costumam ser vistas como engraçadas e inofensivas, ligadas frequentemente à forma utilizada para nos referirmos aos idosos, perpetuando conceitos equivocados sobre esse grupo (WINANDY, 2021).

O termo ageísmo “refere-se aos estereótipos, preconceitos e discriminação direcionados aos outros ou a si mesmo com base na idade” (WHO, 2021, p. 19), gerando prejuízos especialmente aos mais velhos. De acordo com o Relatório Global sobre o Ageísmo, elaborado pela World Health Organization (2021), o preconceito de idade é a forma de opressão mais enraizada no contexto social, tornando-se facilmente aceita e propagada, muito mais do que as outras formas de discriminação. Ainda segundo o relatório, o ageísmo é composto por diferentes aspectos que se inter-relacionam: estereótipos, preconceito e discriminação, que se manifestam nos níveis institucionais, interpessoais e individuais (na forma de preconceito autodirigido), expressos de maneira explícita (consciente) e implícita (inconsciente).

Entretanto, é no corpo, e por meio dele, que o envelhecimento é percebido, e sobre ele que recaem as cobranças internas e externas. Kramkowska (2019), em decorrência de seus estudos realizados com 50 pessoas idosas, atestou que a discriminação do corpo envelhecido não é uma utopia. Os indivíduos cujos corpos atendem às expectativas criadas pelos padrões de corporalidade humana baseados em atratividade recebem aprovação social e as pessoas mais velhas, que frequentemente não atendem a esses padrões, são conscientes do risco de discriminação.

Junte-se a essa visão, o conceito de idade subjetiva, que é a idade percebida pela pessoa, frequentemente diferente de sua idade cronológica (KOTTER-GRUHN; HESS, 2012). Para Barret e Toothman (2017), perceber-se mais jovem está relacionado à construção cultural da juventude como ausência de doenças. Assim, pessoas mais saudáveis tendem a adotar identidades mais jovens. Bowen, Spulling, Kornadt e Wiest (2019) constataram que a forma como cada pessoa se percebe é pouco relacionada à sua idade, no entanto, sua percepção sobre seus pares da mesma faixa etária coincide com os estereótipos daquela idade.

Diante deste cenário, surgem tentativas de buscar o prolongamento da vida, criando um ideal de envelhecimento que seja adequado ao mundo contemporâneo, produzindo subjetividades que reforçam a lógica neoliberalcapitalista, a qual valoriza o “espírito” e corpo jovem. Tais formatos, no entanto, não ocorrem de forma igualitária para todas as pessoas. O que pode ser oportunidade para algumas pessoas, para outras pode significar exclusão (WHO, 2015).

De uma maneira geral, Mota *et al.* (2017) constataram que os adolescentes tinham uma visão negativa sobre a velhice, pautada no declínio funcional e cognitivo. Torres *et al.* (2015), por sua vez, demonstraram que, além dos adolescentes, os próprios idosos tinham uma

percepção de maiores perdas do que ganhos nessa fase da vida. A internalização dos estereótipos de idade significa que as percepções sociais e pessoais do envelhecimento estão amplamente interligadas, assim como suas consequências (FINEMAN, 2014)

Thomas, Hardy, Cutcher e Ainsworth (2014) criticam o discurso sobre o envelhecimento ativo, argumentando que este pode significar uma resistência ao envelhecimento que reflete uma repressão cultural aos corpos envelhecidos. O autor também afirma que o Estado abstém-se da responsabilidade de fornecer apoio aos grupos vulneráveis, gerando uma ansiedade nos indivíduos sobre como gerenciar o próprio envelhecimento, criando a falsa noção de serem os únicos responsáveis. Na visão dos autores, o discurso sobre “envelhecer bem”, em parte, cumpre com uma agenda política para solucionar o problema do envelhecimento populacional e encontra como meio para isso a responsabilização pessoal dos indivíduos. Neste sentido, a WHO (2015, 2021) defende políticas públicas que amparem as pessoas mais velhas garantindo acesso à saúde e participação dessa população, além de combate ao etarismo.

VELHICE LGBTIAP+ E *QUEER*

Abordar a questão do envelhecimento de pessoas LGBTIAP+ e *queer* significa falar de um duplo estigma, diferente daquele ocorrido no processo de envelhecimento das pessoas cisheterossexuais. A velhice, por si só, é uma etapa carregada de estereótipos negativos que, quando atrelada à sexualidade, culmina em um cenário de maior complexidade a ser experienciado (ARAÚJO; CARLOS, 2018; HENNING, 2017). Um dos estigmas mais comuns, por exemplo, condiz no fato de pessoas velhas serem tidas como assexuadas. Todavia, tal cenário pode ser potencializado quando a questão dos gêneros e sexualidades “desviantes” entram em cena.

De acordo com Santos, Araújo e Negreiros (2018), os indivíduos envelhescentes LGBTIAP+ e *queer* enfrentam a invisibilidade e o isolamento social advindos da discriminação, que pode ocorrer inclusive dentro do próprio grupo e até mesmo pelo preconceito internalizado. As representações sociais das velhices “dissidentes” são moldadas por pensamentos e visões como “pena de quem é homossexual”, “triste e solitária” (SALGADO *et al.*, 2017, p.5), assim como a visão de uma fase de solidão e abandono relacionada a não constituição de uma família ou a uma fase de libertação depois de passar a vida “no armário” (ARAÚJO; CARLOS, 2018).

O fato é que faltam dados sobre o processo de envelhecimento de pessoas LGBTIAP+ e *queer* e falar sobre a sexualidade na velhice ainda é um tabu, aspecto este de extrema importância da vida de todas as pessoas e que transcende o ato sexual. Ao partirmos do pressuposto convencional de que a sexualidade seja puramente ligada aos aspectos biológicos, observamos a prevalência da noção de perda na função sexual, sem considerar as outras dimensões da sexualidade como pensamentos, atitudes, desejos, comportamentos entre outros (SALGADO *et al.*, 2017; SANTOS *et al.*, 2018), agravando os estigmas sobre o tema e demonstrando que a velhice frequentemente está articulada com outros marcadores, pois representa um importante dispositivo no jogo das aparências e performatividades, sobretudo quando ligada aos gêneros e sexualidades, atuando na regulação da vida em diferentes contextos políticos e culturais (POCAHY, 2011).

O preconceito de idade pode ser percebido em expressões e termos utilizados intragrupos, em especial articulado às sexualidades, para diferenciar e se referir, por exemplo, a homens *gays* mais velhos, tais como: cona, maricona, bicha velha, tia e coroa assanhado (ARAÚJO; CARLOS, 2018; HENNING, 2008). Neste caso,

nos parece ainda mais problemático a estigmatização da velhice, uma vez que, neste caso, o opressor seria uma classe que experimenta, historicamente, a opressão social, o que demonstra que mesmo entre grupos minoritários ainda há espaço para a perpetuação de relações desiguais de poder (MELO; TAVARES, 2019, p. 212).

Ainda vinculado ao espectro da homossexualidade masculina, consoante à Santos, Araújo e Negreiros (2018), existe o consenso, por parte de pessoas mais jovens, de que homens *gays* mais velhos utilizam de seus recursos financeiros em busca de sexo. Há também o oposto, quando existe a visão de que rapazes mais jovens aproveitam-se do dinheiro dos homens mais velhos em troca de atenção, carinho ou mesmo da atividade sexual.

Durante a velhice, os sujeitos necessitam de um apoio maior por parte das redes sociais e afetivas que advém principalmente da família e amigos. Assim, LGBTIAP+ e *queer* carecem ainda mais desse tipo de suporte, haja vista a fragilidade ou até mesmo inexistência dessas relações. Dado o contexto de vida marcado pela violência estrutural e pela cisheteronormatividade, observa-se o agravamento de situações que contribuem para o isolamento e solidão nessa fase (CRENITTE; MIGUEL; FILHO, 2019). No estudo desenvolvido por Fonseca *et al.* (2020) com profissionais que atuam no cuidado de pessoas

idosas, percebe-se que a velhice LGBTIAP+ e *queer* é fortemente marcada pelo sofrimento, medo e isolamento.

Outro aspecto bastante marcado no âmbito das velhices “abjetas” está relacionado às travestilidades e sua ligação com a prostituição. Antunes e Mercadante (2011) investigaram este campo, constatando que, para as travestis, a velhice está atrelada à atividade do trabalho como prostitutas. Enquanto trabalham, elas compreendem ter utilidade, são produtivas e, conseqüentemente, jovens. As travestis mais velhas servem como referência às mais jovens, em parte por terem sobrevivido até ali¹³, desempenhando um papel importante nas suas vidas, ajudando a construir seus corpos, estilos e formas de ser. Em razão disso, são chamadas, carinhosamente, de “mães” ou “madrinhas”.

Por fim, devemos marcar as construções em torno da velhice de pessoas LGBTIAP+ e *queer* que trabalharam durante suas vidas como performistas. Em seu estudo, Melo e Tavares propõem uma análise acerca dos estigmas oriundos da velhice que são encontrados no Programa *RuPaul's Drag Race*¹⁴, apresentado por uma das personagens desta pesquisa. Conforme os autores, “o fato de RuPaul ser mais velha que a maioria das participantes torna a relação entre as diversas gerações mais complexa” (MELO; TAVARES, 2019, p. 203). Devendo manter sua performatividade intacta, *drag queens* acabam tornando-se obsoletas. Se pensarmos em profissionais que dedicaram grande parte de suas vidas a determinado ofício e que, muito possivelmente, não saibam se dedicar a outro trabalho, é esperado que essas artistas caiam no esquecimento com a chegada da velhice.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Partimos do pressuposto comum de que a arte *drag* vem sendo cada vez mais midiaticizada, considerando-se a ampliação da representatividade LGBTIAP+ e *queer* no contexto social, em virtude das inúmeras lutas dos movimentos identitários. Extrapolando as fronteiras dessa atividade tão específica, e ao notá-la cimentada, por vezes, no contexto da mídia, é necessário que construamos análises em torno de tal entrelaçamento.

¹³ Devemos recordar que o Brasil é campeão em assassinatos de pessoas trans e travestis em todo o mundo. Além disso, a expectativa de vida desse grupo, em nosso país, é de, no máximo, 35 anos (Benevides, 2022). Para maiores informações, consultar o *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*, produzido pela ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO BRASIL (ANTRA). Recuperado de <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>.

¹⁴ Recuperado de <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2021/08/26/rupaul-s-drag-race-entenda-o-que-e-como-funciona-e-quem-apresenta.html>.

O quadro da comunicação, no panorama global, acompanha a aceleração exigida pela política e pelas práticas neoliberais, possibilitando a “educação¹⁵” para o consumo. Assim, faz-se necessária a instauração de um “metro” social que sirva de parâmetro para pessoas, comunidades e relações. Se há a necessidade de consumo em larga escala, há também a necessidade de produção em larga escala, exigindo-se um desempenho cada vez mais “exemplar” - rápido, ágil, açodado, ativo - o que, por sua vez, não combinaria com a velhice. E onde estão bebendo, diretamente, nossas personagens centrais, senão na fonte da mídia?

Se há algo que a produção audiovisual, de modo amplo, colaborou para consolidar, é a não aceitação, na cultura ocidental, do envelhecimento humano, especialmente em seus aspectos físicos. Assim, [...] atores e atrizes [...] recorrem a processos estéticos, maquiagem e efeitos especiais, na perspectiva de vender a ideia de uma retenção do processo de envelhecimento. Trata-se de um fenômeno de venda de corpos “hiperativos” e “bem conservados”, buscando se afastar da concepção cristalizada de velhice (MELO; TAVARES, 2019, p. 204).

A mídia tem reforçado a ideia do envelhecimento ativo, capaz e produtivo de maneira assustadora. Para cumprir com tais pressupostos, pessoas velhas não podem aparentar, vivenciar e sentir a velhice e necessitam performar uma imagem cada vez mais distante de sua realidade, fenômeno que será discutido na presente seção, que contou com a análise de 70 *tweets* retirados da rede social *Twitter*, os quais possibilitaram uma subdivisão em seis categorias de conteúdo distintas (PARANHOS; COSTA, 2022), organizando as diversas variáveis e possibilitando seu aprofundamento.

Apesar de um passado que conta com algumas rusgas - incluindo um bloqueio entre contas - RuPaul e Pablllo Vittar nunca haviam trazido nenhuma briga à público - ao menos explicitamente. No dia 17 de abril, logo após a apresentação de Pablllo no Festival de Música e Artes Coachella Valley, seus seguidores começaram a solicitar - ou até mesmo exigir - que RuPaul Charles tornasse público seu reconhecimento para com o trabalho da performer brasileira. A Imagem 1 demonstra tal clamor.

IMAGEM 1 - *Tweet*^{16,17}

¹⁵ Por que não usar de “catequização”?

¹⁶ “Hoje Pablllo Vittar será a primeira drag queen da história a se apresentar no Coachella, Pablllo é uma grande fã sua e tem você como sua maior inspiração drag. Ela ficaria muito feliz em ter seu reconhecimento, isso seria muito importante para a comunidade queer e drag” (tradução nossa).

¹⁷ Todos os dados relacionados aos usuários da rede foram removidos a fim de manter seu anonimato.

.@RuPaul today Pablo Vittar will be the first drag queen in history to perform at Coachella, pablo is a big fan of yours and has you as his biggest drag inspiration. she would be very happy to have your recognition, that would be very important for the queer and drag community



Fonte: Pessoas autoras (2022).

Contudo, diante de uma verdadeira imensidão de petições, a conta da artista RuPaul iniciou o processo de bloqueio dos perfis que a marcavam em seus *tweets*, conforme visto na Imagem 2, retirada da mesma conta utilizada na coleta anterior. A partir do acontecido é que, de fato, começam as provocações e ofensas contra a figura da *drag* americana, incluindo a reprodução de situações passadas (Imagem 3).

IMAGEM 2 - Tweet



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 3 - Tweet

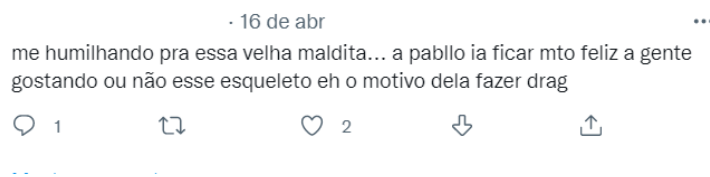
não eh a primeira vez... kkk essa múmia odeia a pablo fico c pena pq a pablo sempre mostrou respeito por ela e ela age como uma criança imatura



Fonte: Pessoas autoras (2022).

Antes de nos aprofundarmos nas categorias encontradas, faz-se necessário um destaque à nível global. O termo “velha”, que vez ou outra é acompanhado de algum outro adjetivo, conforme Imagem 4, foi utilizado como forma de xingamento e depreciação em 51 casos. Ao considerarmos as 70 postagens analisadas, em 72,85% delas a palavra figurou como fonte primeira de violência.

IMAGEM 4 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

Para Vilhena Novaes, Barreto e Barreto (2017, p.32), velho é “[s]inônimo de incapacidade física e intelectual, dependência emocional, além de degenerescência física e psíquica”. O termo velho, remete a representações como solidão, abandono e exclusão, revelando a segregação sofrida por essa parcela populacional nos ambientes sociais e laborais, especialmente aqueles que exigem capacidades físicas (SANTOS *et al.*, 2011).

A partir dessa curta análise, podemos depreender que “velha/velho/velhice”, por si só, é tensionada e transformada em um território de opressões, dado sua suposta inutilidade física, mental, cognitiva e, até mesmo, emocional. O que é velho torna-se obsoleto e pode ser facilmente descartado, tornando possível a ocupação de um espaço que pode vir a ser preenchido por outro objeto qualquer, o qual deverá apresentar características mais inovadoras, modernas e que atenda, de maneira mais satisfatória, os desejos da sociedade do consumo.

Passamos agora à análise das categorias que apresentam os resultados obtidos nesta pesquisa. São elas: velhice e maturidade; velhice e antiguidade; velhice e inveja; velhice e amargura; velhice e declínio mental; velhice e recalque.

VELHICE E MATURIDADE

Uma das características mais associadas às pessoas mais velhas é a sabedoria, na forma de um estereótipo positivo relacionado à maturidade (MOTA *et al.*, 2017; TORRES *et al.*, 2015). Na visão de Bowen *et al.* (2019) alguns estereótipos relacionados à velhice podem gerar expectativas equivocadas. Sentir-se mais sábia e generosa não são atributos reconhecidos por todas pessoas mais velhas e esses estereótipos podem servir como parâmetro para comparação e regulação do comportamento, levando a uma autoavaliação negativa ou afetando a auto identidade.

Na visão de Winandy (2021, s.p.) “a maturidade não acompanha necessariamente a idade” e o termo “madura” categoriza alguém que tem bagagem de vida e profissional,

entretanto, a maturidade envolve sabedoria, discernimento e ponderação que nem todas as pessoas alcançam mesmo vivendo muitos anos.

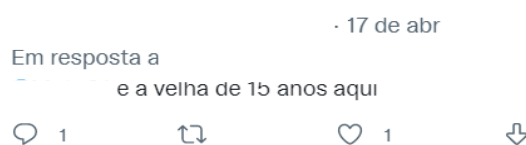
Nas imagens abaixo, pode-se observar, pelos comentários feitos sobre RuPaul, que os usuários da rede social relacionaram velhice à maturidade - ou à falta dela -, criticando sua postura em função da idade.

IMAGEM 5 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 6 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

A construção social da velhice costuma envolver uma aura de sabedoria em torno de pessoas mais velhas (TAVARES, 2021). Basta notarmos a predisposição que as pessoas possuem em aconselhar-se com pessoas que julgam ser mais sábias e, quase que na totalidade dos casos, mais velhas. Exige-se uma postura de grande parcela da população que nem sempre é a realidade, fato que indica o processo de universalização da velhice (BOWEN *et al.*, 2019). Ademais, retornando ao caso mencionado, RuPaul é ridicularizada com base numa suposta ausência de maturidade, o que é esperado de sua figura, no instante em que representa o que há de mais lendário no cenário do drag mundial.

VELHICE E ANTIGUIDADE

O termo “antiquado” significa ser obsoleto, ultrapassado, estar fora de uso, ter pensamentos antiquados (ANTIQUADO, 2022, s. p.). A associação da velhice com o que é antigo e desatualizado possui forte relação com os estereótipos negativos relacionados à capacidade cognitiva e produtiva em função da idade, identificada por Santos *et al.* (2011) como resultado das concepções de declínio físico e mental. Para Melo e Tavares (2019, p. 207) “[...] em um espaço midiático capitalista que valoriza atributos como o *sexy appel* e a beleza como

elementos de legitimação [...]” parecer velha e antiquada diminui o valor atribuído à figura feminina e as marcas evidentes da idade precisam ser escondidas e dar lugar a uma representação sexualizada da velhice.

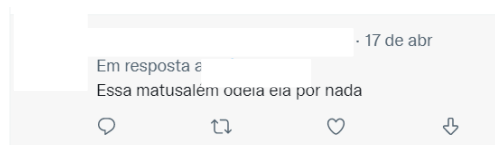
Observa-se, nas imagens coletadas, a associação da idade, do fato ser “velha”, à expressões que remetem à antiguidade, ao desuso e à falta de habilidade com tecnologia.

IMAGEM 7 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 8 - *Tweet*¹⁸



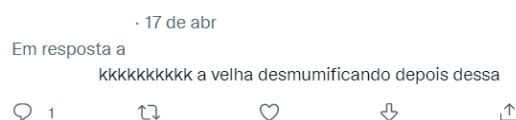
Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 9 - *Tweet*



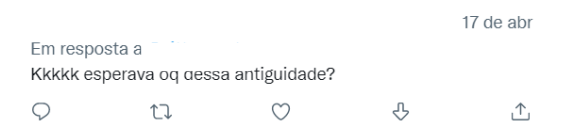
Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 10 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 11 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

Pessoas com mais de 50 anos costumam ser rotuladas como imigrantes digitais, analógicas e estabelece-se que não são mais capazes de aprender a linguagem tecnológica, visto não terem nascido na era digital (WINANDY, 2021). Pessoas mais velhas são consideradas antiquadas quando não se adaptam às mudanças e a tecnologia pode ser um desafio para elas.

¹⁸ Foi um personagem bíblico do Antigo Testamento que, segundo o livro, teria vivido 969 anos. Ele era filho de Enoch, que teria morrido aos 365 anos. Matusalém foi pai pela primeira vez aos 187 anos. Seu primeiro filho recebeu o nome de Lamec. Depois de Lamec ele teve muitos outros filhos e filhas. Até hoje o nome Matusalém é usado para designar uma pessoa muito velha. Recuperado de <https://meuartigo.brasielcola.uol.com.br/biografia/matusalem.htm>.

Antunes e Mercadante (2011) elucidam que no sistema capitalista a pessoa velha não é vista como produtora ou reprodutora e sim como uma parasita, sem utilidade. A figura da pessoa idosa é associada à aposentadoria, lentidão, rigidez e inflexibilidade (PEREIRA *et al.*, 2014), aspectos que se relacionam ao significado de ser uma pessoa antiquada. Os comentários expressam a ideia de que RuPaul é antiga/antiquada dado sua idade, associando sua imagem à uma incapacidade produtiva.

VELHICE E INVEJA

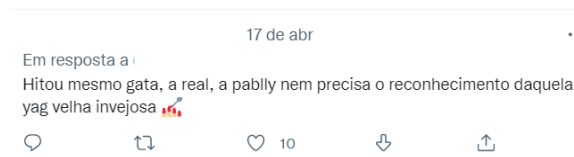
Um dos sete pecados capitais (FLECK; DILLMANN, 2013), a inveja é o terceiro conteúdo que aparece durante o processo de análise das postagens relacionadas ao fato. Sua etimologia é um tanto imprecisa, porém sempre está relacionada ao ato de ver/enxergar. No latim, encontramos dois termos que se aproximam do significado de inveja, são eles *invidia* e *invedere*. A primeira palavra faz referência ao “olhar torto” ou ao “mau-olhado”. *Invedere*, por sua vez, surge da junção do prefixo *in*, que indica negação, e *vedere*, que significa “ver” (INVEJA, 2022). A inveja pode ser tida, então, como o não ver, o não enxergar, e a pessoa invejosa, em paralelo, é aquela que possui dificuldade de olhar para si, de enxergar tudo aquilo que tem e só possui seus olhos voltados para fora, para aquilo que é das outras pessoas, cobiçando-as. As cinco imagens apresentadas a seguir (12, 13, 14, 15 e 16) demonstram o quanto a atitude de RuPaul foi ligada à inveja:

IMAGEM 12 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 13 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 14 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 15 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 16 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

Se bem observarmos, todas as vezes em que o termo inveja/invejosa apareceu, o mesmo surgiu em união à palavra velha, o que nos faz questionar qual a ligação que a inveja possui com a velhice. Além disso, não há uma complementaridade da inveja, quando os usuários da rede social deveriam definir o que a *drag* americana estaria invejando. Tais fatos conduzem à compreensão de que a inveja, a que se referem, está ligada diretamente a tudo aquilo que a juventude representa.

A performatividade é o conceito que se centraliza na “disputa” entre pessoas mais jovens e pessoas mais velhas. Por meio dela, as pessoas buscariam a superação dos obstáculos da vida contemporânea, tornariam-se bem sucedidas e conseguiriam otimizar suas vidas (CALAZANS; FREITAS, 2019). Os aspectos fisiológicos também contribuem, em muito, para essa noção de performance, o qual está relacionado com potência física, virilidade, boa saúde e desempenho (PEREIRA *et al.*, 2014), questões que são abaladas durante o envelhecimento, dado uma queda nos níveis de regeneração das células, a qual todos estão fadados.

Em uma sociedade ocidental, neoliberal, capacitista e corponormativa, que cultua a juventude e o corpo belo, todos os indícios de desvio devem ser eliminados e descartados. Tal imposição surge “como um valor indiscutível e universal e a aparência *teen* se converte em sinônimo exclusivo da boa forma” (VILHENA NOVAES *et al.*, 2017, p. 38). À vista disso, RuPaul estaria, de acordo com os seguidores de Pablllo Vittar, deixando de olhar para dentro e cobiçando a jovialidade, e tudo o que ela representa, da artista brasileira.

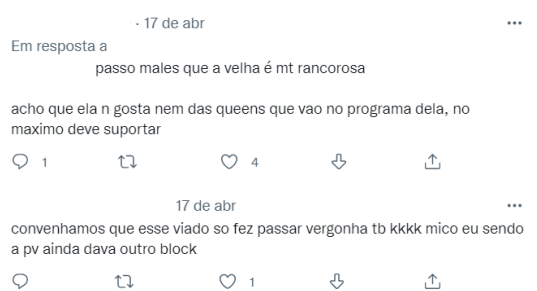
VELHICE E AMARGURA

O temperamento amargurado/rancoroso não tem relação com a velhice, mas sim com aspectos individuais de cada pessoa. É comum que as concepções sobre a velhice caracterizem essa fase como um período de amarguras e frustrações, ao considerar que pessoas idosas operam em uma intensa lógica de saudosismo. O fato de relembrares frequentemente suas histórias, tende a passar a percepção de que elas vivem no passado. No entanto, essa é uma ideia

reducionista, pois idosos participam ativamente da sociedade contribuindo com suas experiências para a construção do futuro (NETO; JUNIOR; ALVES, 2019).

Tornar-se uma pessoa amarga e rancorosa ou não, de acordo Neto, Junior e Alves (2019), têm relação com a capacidade de aprender com as circunstâncias da vida e com a forma as pessoas elaboram as questões que lhes afetam, relacionando-se com a sabedoria, anteriormente referida, a qual não é prerrogativa da idade mais avançada. RuPaul é chamada de amarga em algumas postagens, o que pode ser identificado a seguir:

IMAGEM 17 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 18 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 19 - *Tweet*



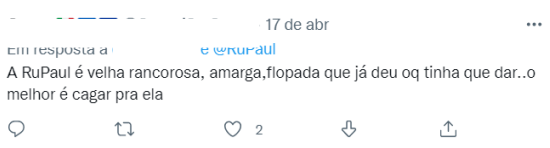
Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 20 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 21 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 22 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

A amargura e o rancor aos quais mencionados, considerando o universo em questão, também refere-se ao esforço para a afirmação de aspectos da juventude frequentemente percebidos nas mulheres e ou figuras femininas que vivem uma constante rejeição do próprio corpo no processo de envelhecimento (CALAZANS; FREITAS, 2019). A percepção de declínio pode trazer sentidos como invisibilidade, medo da solidão e negação da velhice.

Calazans e Freitas (2019) ainda argumentam que existe um mito da “performance feminina ótima e feliz” (p. 129), que diz respeito a um modelo performático baseado em uma perfeição que nem no âmbito mais íntimo se escapa a esse imperativo, o qual julga a transformação proveniente do avanço da idade como algo falho, velho e inacabado.

VELHICE E “DECLÍNIO MENTAL”

Um insulto pode ser descrito como qualquer palavra, atitude ou gesto que tem por objetivo desrespeitar e desprezar alguém, atingindo sua dignidade e seus valores pessoais. O ato de insultar não pode ser tido como fixo, uma vez que, a depender da cultura e do contexto, terminologias diversas podem passar a figurar como forma de desrespeitar alguém. Além disso, há que se observar os aspectos das diferenças étnicas e regionais, os quais carregam significados distintos para as mesmas palavras.

No caso do ataque à RuPaul Charles, os insultos transformam-se em expressões de declínio mental, sempre acompanhados da palavra “velha”, conforme as imagens à seguir:

IMAGEM 23 - *Tweet*



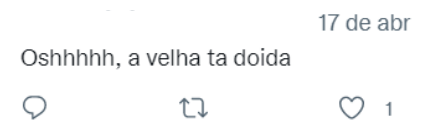
Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 24 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 25 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 26 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 27 - *Tweet*

17 de abr

Em resposta a [e @RuPaul](#)
Mds a velha surtando

Fonte: Pessoas autoras (2022).

Há uma latente associação da velhice com questões psicológicas como forma de insulto e mecanismos de opressão - “a velha surtou”, “o surto da véia”, “a velha já está surtando”, “a velha tá doida” -, o que nos remete à prática misógina bastante comum: a utilização do declínio mental. O *gaslighting* é uma das formas de abuso psicológico mais comuns, em que informações são distorcidas a fim de fazer com que a vítima duvide de sua própria saúde mental (SANTOS, 2022). A utilização de termos como os apresentados “terminam por reproduzir o velho e opressivo esquema que segregou aqueles tidos como a personificação da insanidade e da desrazão” (CIRILO; OLIVEIRA FILHO, 2008, p. 327), o que é, de fato, a intenção dos usuários, mesmo que de maneira inconsciente.

Ao colocar em dúvida a acuidade de raciocínio de pessoas mais velhas, outra vez abre-se a possibilidade de valorização do que é jovem, partindo da premissa de que tudo o que é mais novo possui maior utilidade e eficácia. Tais discursos são, inclusive, internalizados pelos próprios idosos, como apontado no estudo de Fineman (2014), os quais passam a acreditar que estão se tornando obsoletos e que, por tal razão, não há mais motivos para estudar, buscar novos conhecimentos, ou mesmo adotar práticas que melhorem suas instâncias cognitivas e emocionais.

VELHICE E RECALQUE

Apesar de ser comumente ligado à inveja, o recalque não faz referência, tão somente, ao modo de desejar algo que não se tem. O recalque foi descrito por Freud como um mecanismo de defesa que a mente utiliza quando reprime, e leva para o nível do inconsciente, os materiais com os quais os “eu” não consegue lidar. Devemos salientar que há uma diferença entre repressão e recalque, operando o primeiro no nível do consciente e pré-consciente e, o segundo, como já dissemos, no inconsciente (FREUD, 1980; PAIVA, 2011). Ademais,

Freud propõe uma divisão do recalque, o que nos faz pensar mesmo na sua observação da clínica, que incide todo o tempo na formulação teórica: uma primeira fase deste,

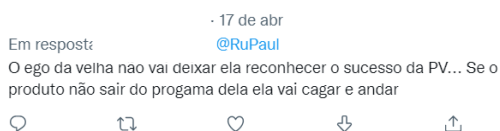
Página 24

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i7.624>

ou recalque primitivo, uma segunda fase, ou recalque propriamente dito, e uma terceira fase, ou retorno do recalado (PISETTA, 2008, p. 408).

O termo aparece somente uma vez - de maneira explícita - e em outra situação que consideramos pertinente de ser apontada aqui. A Imagem 29 traz a seguinte frase: “[...] a velha é muito recalçada”. Já a Imagem 28 aponta: “O ego da velha não vai deixar ela reconhecer o sucesso da P[abllo] V[ittar]... Se o produto não sair do programa dela, ela vai cagar e andar”.

IMAGEM 28 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

IMAGEM 29 - *Tweet*



Fonte: Pessoas autoras (2022).

O ego, aqui, é problematizado não como representação da psique humana freudiana, mas numa referência à atitude ególatra (pessoa que cultua o próprio eu). Nosso papel não é o de sermos especialistas em assuntos relacionados às ciências *psi* - até mesmo pelo fato de não o sermos -, mas o de demonstrar o quanto os mecanismos de opressão utilizam das mais diferentes estratégias para poderem concretizar a violência. Por medo ou insegurança de não cumprir com os requisitos impostos pela performance estética imposta pelo *show business* (CALAZANS; FREITAS, 2019), RuPaul torna-se recalçada - na percepção das pessoas que possuem suas contas analisadas neste estudo -, impedindo que qualquer outra artista possa fazer sucesso e tornar-se reconhecida, a não ser quando que saída de seu programa e, conseqüentemente, sob sua tutela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode a velhice tornar-se um espaço de opressão? A incapacidade produtiva está ligada à velhice? No caso da arte *drag*, a velhice torna-se um parâmetro que norteia quem pode ou não pode estar mais construindo sua estética por meio da arte? Para tais questionamentos, temos somente uma resposta: sim. O presente estudo objetivou analisar, por meio da netnografia, a utilização da velhice como forma de opressão e definidora de uma incapacidade estética/produtiva. Centrando-se na “briga” ocorrida entre as artistas, mundialmente reconhecidas, Rupaul Charles e Pabllo Vittar, realizou-se a análise de 70 postagens, realizadas

Página 25

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i7.624>

por usuários brasileiros, na rede social *Twitter*, a fim de tornar possível a coleta de informações a respeito dos fenômenos ali incutidos. Ao final, alguns aspectos puderam ser elencados.

O primeiro, e bastante proeminente, refere-se à carência de estudos que relacionem a questão da velhice com a arte *drag*. Pesquisas que abordem o ato performático mais famoso da cultura LBGTIAP+ e *queer*, por si só, já devem ser compreendidas enquanto poucos. No entanto, aquelas que relacionam os dois campos de pesquisa são ainda mais escassas. Grande parte do referencial teórico utilizado pautou-se em trabalhos que englobam velhice e pessoas não-cisheterossexuais. Contudo, devemos lembrar que o *drag* não é um ofício único e exclusivo deste público, haja vista existirem pessoas cisgêneras e heterossexuais que o desenvolvem.

Os aspectos seguintes ligam-se, diretamente, ao nosso problema e objeto de pesquisa. A velhice é construída enquanto um território onde são depositados tudo e todos que extrapolaram o “prazo de validade” instituído socialmente. Aquilo que é velho torna-se obsoleto e, conseqüentemente, perde suas capacidades produtivas, sejam elas quais forem. Por produtividade devemos entender a atividade relativa à produção, processo no qual são combinados fatores com a finalidade de suprir necessidades humanas, em termos de bens ou serviços. Estrutura-se um consenso de que pessoas velhas já não estão mais em posse de tais faculdades ou, se ainda estão, disporão de menos tempo e/ou vitalidade para realizá-las, infringindo uma outra regra social bastante valorizada no atual contexto neoliberal: o tempo.

No que tange ao campo do estético, cerne do *drag*, o qual ligamos à cultura da performance na contemporaneidade, “a visibilidade é assediada e o governo de si é sempre engendrado para o olhar do outro a fim de sempre constituir “uma boa imagem” (CALAZANS; FREITAS, 2019, p. 129-130). A performance, sintonizada aos valores culturais e sociais deste momento histórico em que o temor de ser vista como “velha” emerge de maneira ímpar, é direta, e negativamente, afetada e influenciada. Pessoas velhas não são mais capazes de existir e artistas *drags* velhas não são mais capazes de produzir. Quando da sua tentativa de romper com tais preceitos, essas poucas artistas enfrentarão uma cobrança excessiva, devendo apresentar desempenhos superiores e iguais aos da juventude, assim como a violência, cristalizada em seis principais crenças, de acordo com as análises desta pesquisa: pessoas velhas devem ser maduras, pessoas velhas são antigas, pessoas velhas são invejosas, pessoas velhas são amargas, pessoas velhas têm redução de sua capacidade mental e pessoas velhas são recalçadas.

A importância deste estudo estabelece-se na análise de fenômenos possíveis que localizam-se no entorno da velhice, fraturando os limiares que universalizam essa etapa da vida

e a constroem por meio de um discurso homogêneo e igualitário. Afirmamos que existem velhices diversas e que cada uma deve ser percebida de acordo com suas singularidades. De tal forma é que sugerimos a realização de pesquisas que possam ampliar as lentes da ciência e promover construções cada vez mais diversas, desobstruindo o campo dos estudos da velhice e inaugurando novas possibilidades.

FOMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ANTIQUADO. (2022). In Dicionário Online de Português. Recuperado de <https://www.dicio.com.br/antiquado/>

ANTUNES, Pedro P. S.; MERCADANTE, Elisabeth F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 14, p. 109-132, 2011. DOI: [10.23925/2176-901X.2011v14iEspecial10p109-132](https://doi.org/10.23925/2176-901X.2011v14iEspecial10p109-132)

ARAÚJO, Ludgleydson F.; CARLOS, Karolyna P. T. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicología, Conocimiento y Sociedad** v. 8, n. 1, p. 218-237, 2018.

BARRETT, Anne E.; TOOTHMAN, Erica L. Multiple “old ages”: The influence of social context on women’s aging anxiety. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 73, n. 8, p. 154-164, 2018.

BOWEN, Catherine. E.; SPULLING, Svenja M.; KORNADT, Anna E.; WIEST, Maja. Young people feel wise and older people feel energetic: Comparing age stereotypes and self-evaluations across adulthood. **European Journal of Ageing**, v. 17, p. 435-444, 2020.

CALAZANS, Fabíola; FREITAS, Vanessa S. de. Corpo, velhice e performance na série “Grace and Frankie” da Netflix. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 16, n. 30, 2019.

CIRILO, Livia S.; OLIVEIRA FILHO, Pedro de. Discursos de usuários de um centro de atenção psicossocial-CAPS e de seus familiares. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 28, p. 316-329, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200008>

CRENITTE, Milton R. F.; MIGUEL, Diego F.; JACOB FILHO, Wilson. Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. **Geriatrics, Gerontology, and Aging**, v. 13, n. 1, p. 50-56., 2019. DOI: [10.5327/Z2447-211520191800057](https://doi.org/10.5327/Z2447-211520191800057)

DINIZ, Francisco R. A.; OLIVEIRA, Almeida A. de. Foucault: do poder disciplinar ao biopoder. **Scientia**, v. 2, n. 3, p. 01-217, 2013.

FINEMAN, Stephen. Age matters. **Organization Studies**, v. 35, n. 11, p. 1719-1723, 2014.

FLECK, Eliane C. D.; DILLMANN, Mauro. Os sete pecados capitais e os processos de culpabilização em manuais de devoção do século XVIII. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 14, p. 285-317, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X014027004>

FONSECA, Luciana K. S.; ARAÚJO, LUDGLEYDSON F. de; SANTOS, José Victor de O.; SALGADO, Ana Gabriela A. T.; JESUS, Lorena A. de; GOMES, Hiago. V. Velhice LGBT e facilitadores de grupos de convivências de idosos: suas representações sociais. **Psicología desde el Caribe**, v. 37, n. 1, p. 91-106, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14482/psdc.37.1.306.76>

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 2010.

FREUD, Sigmund. O recalque. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980.

HENNING, Carlos E. Gênero, sexo e as negações do biologicismo: comentários sobre o percurso da categoria gênero. **Revista Ártemis**, v. 8, 2008.

HENNING, Carlos E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, p. 283-323, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010>

INVEJA. In Dicionário etimológico: etimologia e origem das palavras, 2022. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/inveja/>. Acesso: 02 mai. 2023.

JESUS, Jaqueline G. de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso: 02 mai. 2023.

KOTTER-GRÜHN, Dana; HESS, Thomas M. The impact of age stereotypes on self-perceptions of aging across the adult lifespan. **Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 67, n. 5, p. 563-571, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbr153>

KRAMKOWSKA, Emilia. The lookism of a senior citizen’s ageing body—utopia or reality? the perspective of polish elderly women and elderly men. **Ex Aequo—Revista Da Associação Portuguesa de Estudos Sobre as Mulheres,(40)**, p. 105-122, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2019.40.07>

LAPOLLI, Édis M., PARANHOS, William R.; WILLERDING, Inara A. V. **DIVERSIDADES: o bê-á-bá para a compreensão das diferenças**. Florianópolis, SC: Editora

Pandion, 2022.

MELO, Max. M.; TAVARES, Denise. “HOW OLD ARE YOU?” Cotidiano e idade em RuPaul’s Drag Race. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, v. 14, n. 24, p. 196–214, 2019.

MOTA, Suiany N.; NOGUEIRA, Jéssica de M.; FERNANDES, Bruna K. C.; SILVA, Hanna G.; FERREIRA, Márcia de A.; FREITAS, Maria Célia. Enfoque estructural de las representaciones sociales de los adolescentes sobre el envejecimiento y las personas mayores. *Cultura de los Cuidados (Edición digital)*, v. 22, n. 50, p. 118-126, 2018. doi: 10.14198/cuid.2018.50.11

NETO, José C. R., JUNIOR, Sérgio S. G.; ALVES, Isac A. A. (2019). Diversas formas de se enxergar a velhice. *Anais do VI Congresso Nacional de Envelhecimento Humano - CIEH*, 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA11_ID662_26052019141250.pdf. Acesso: 02 mai. 2023.

OLIVEIRA, Thaís Z. G. de O.; GUIMARÃES, Ludmila V. M.; CAEIRO, Mariana de L.; GOMES JÚNIOR, Admardo B. (2018). IDENTIFICAÇÃO E SENTIDO NO TRABALHO DE DRAG QUEEN. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 19, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eRAMD180060>

PARANHOS, Will; COSTA, Claudia M. I. “Curto uma pegação no sigilo”: o Grindr como território de subjetivações dos espaços de desejo. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 18, p. 176-196, 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i18.49899>

PARANHOS, William R. Políticas públicas de educação voltadas às diversidades sexuais—o estado da arte no campo da pesquisa. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 9, n. 3, p. 147-155, 2022.

PAIVA, Maria L. de S. C. Recalque e repressão: uma discussão teórica ilustrada por um filme. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 229-241, 2011.

PEREIRA, Rafaelly F.; FREITAS, Maria C. de; FERREIRA, Márcia de A. Velhice para os adolescentes: abordagem das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, p. 601-609, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2014670416>

PISETTA, Maria A. A. de M. Considerações sobre as teorias da angústia em Freud. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 28, p. 404-417, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200014>

POCAHY, Fernando. A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. **Revista Polis e Psique**, v. 1, n. 3, p. 195-195, 2011. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.31539>

SALGADO, Ana G. A. T.; ARAÚJO, Ludgleydson F. de; SANTOS, José V. de O.; JESUS, Lorena A. de; FONSECA, Luciana K. da S.; SAMPAIO, Daniel da S. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Ciências Psicológicas**, v. 11, n. 2, p. 155-163, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22235/cp.v11i2.1487>

SANTOS, Alessandro A. dos. **Isto é gaslighting?:** o imaginário sociodiscursivo da loucura sobre o feminino em capas da revista isto é. 2022. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

SANTOS, José V. de O.; ARAÚJO, Ludgleydson F. de; NEGREIROS, Fauston. Atitudes e estereótipos em relação a velhice LGBT. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 29, 2018.

SANTOS, Verônica B. dos; TURA, Luiz F. R.; ARRUDA, Angela M. S. As representações sociais de " pessoa velha" construídas por idosos. **Saúde e sociedade**, v. 22, n. 1, p. 138-147, 2013.

TAVARES, Márcia. O território da velhice em Dalton Trevisan. **Anuário de Literatura**, v. 26, p. 01-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2021.e77993>

THOMAS, Robyn; HARDY, Cynthia; CUTCHER, Leanne; AINSWORTH, Susan. What's age got to do with it? On the critical analysis of age and organizations. **Organization Studies**, v. 35, n. 11, p. 1569-1584, 2014. DOI: 10.1177/0170840614554363

TORRES, Tatiana de L.; CAMARGO, Brigido V.; BOUSFIELD, Andréa B.; SILVA, Antônia O. Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3621-3630, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152012.01042015>

VILHENA NOVAES, Joana; BARRETO, Anderson C.; BARRETO, Lilian. Repensando novas representações da velhice: relato de uma experiência na mídia. **Polêm! ca**, v. 17, n. 4, p. 030-041, 2017. DOI:10.12957/polemica.2017.34311

WHO. World report on ageing and health. **World Health Organization**, 2015. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/186463>. Acesso: 02 mai. 2023.

WHO. Global report on ageism. **World Health Organization**, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/teams/social-determinants-of-health/demographic-change-and-healthy-ageing/combating-ageism/global-report-on-ageism>. Acesso: 02 mai. 2023.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. 2a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WINANDY, Fran. **Etarismo**: um novo nome para um velho preconceito. Divinópolis, MG: Adelante, 2021.